

O longo tempo
de Eduardo da
Cunha Júnior

O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Cunha de Leiradella (representante legal André Seffrin)

ISBN: 978-65602521-72

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Impresso no Brasil – 2a Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Segunda edição revista

L45

LEIRADELLA, Cunha de.

O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior / Cunha de Leiradella. –

Faria e Silva Editora, 2a edição – São Paulo - 2025.

176 p. ; 21x14 cm.

ISBN: 978-65602521-72

1. Romance brasileiro. 2. Crise existencial - Ficção. 3. Vida urbana - Brasil - Ficção. 4. Identidade (Psicologia) - Ficção. 5. Literatura brasileira - Século XX. I. Título.

CDD: 869.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Rodrigo de Faria e Silva

Vendas governamentais: Cristiane Mutus

Produtor editorial e capa: FS - Estúdio

O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior

CUNHA DE LEIRADELLA



Amostra

Amostra

para
Maria Adelaide,
a Bruxinha da Barra

Amostra

para

João Felício dos Santos,
Dux Veteranorum

Jorge Fernando dos Santos,
Veterano

e

Antônio Torres,
Meu Irmão

Amostra

I

Meu nome não é Cunha de Leiradella.

Cunha de Leiradella já morreu, e Eduardo da Cunha Júnior é apenas meu nome de batismo. Sou brasileiro, desquitado, tenho quarenta anos de idade, vivo com uma mulher e um filho, faço análise três vezes por semana, e tomo tranquilizantes todas as noites. Acho meu trabalho uma merda, mas não mudo de emprego porque sou o maior salário da companhia, e me apavora a ideia de o perder.

Levei dez anos para comprar um apartamento na Lagoa, trocar de carro todo ano, ser sócio do Serramar Country Clube, passar o carnaval na Bahia e as férias em Bariloche, e não posso sequer sonhar em perder meu emprego. Se o perder sei que jamais conseguirei outro igual.

Por isso, digo sempre amém ao meu patrão, e acho maravilhosas as ideias que ele tem, embora todas sejam uma merda, e eu seja um bom filho da puta por não ter coragem de lho dizer.

Comecei a trabalhar na Adônis Lançamentos Ltda há quinze anos, me inscrevi na Ordem dos Advogados do Brasil -

Seccional do Rio de Janeiro, e há cinco fui nomeado gerente de *marketing*. Alguns amigos do meu patrão já tinham gerentes de *marketing*, e ele achou que não podia ficar atrás. Como era só para constar, fiz um seminário de quatro dias no Management Center, e pendurei o diploma na minha sala, bem atrás da secretária. Aí, me filiei à Associação Brasileira de Marketing, e meu patrão ficou satisfeitiíssimo.

Agora, nos almoços do Clube de Diretores Lojistas, ele diz a todos os amigos que nossa empresa planeja devidamente os lançamentos que faz. Isto, mesmo todo mundo sabendo que a Adônis Lançamentos Ltda só vende calças, camisas e jaquetas de *jeans* a quem não tem outro lugar onde comprar. E sempre que um fornecedor nos visita, meu patrão faz questão de lhe mostrar meus diplomas, sorrindo modestamente aos elogios que lhe fazem. Afinal, não são todos os empresários brasileiros que se podem gabar de ter um gerente de *marketing* inscrito na OAB, e sócio da ABM.

Todas as vezes que as vendas ultrapassam as previsões que ele faz, meu patrão reúne os amigos em Angra dos Reis, passeia de lancha pela baía, e diz a todos o que faria se fosse ministro da Fazenda. Eu vou com ele, e faço meu dever, testemunhando com a maior convicção tudo que ele afirma. Ele sorri, diz que eu sou o melhor gerente de *marketing* que já teve, os amigos acham fantástico aquele comportamento liberal, pedem mais uísque, e alguns, mais entusiasmados ou mais bêbados, me vêm dar os parabéns.

Quando voltamos ao Rio, até eu mesmo penso que sou, realmente, um bom gerente de *marketing*. Só que no dia seguinte, fechado na minha sala, e pensando nos meus quarenta anos, volto a ser a merda que sou e a concordar com tudo que ele diz.

Eu sei que ele só está satisfeito comigo enquanto estiver satisfeito com ele. Apesar de lhe ser útil buscando gelo, servindo uísque ou testemunhando as mentiras que ele conta aos amigos, eu sei que o próximo lançamento que sair errado, a culpa, como sempre, será minha. E um gerente de *marketing* com quarenta anos de idade nunca pode errar, mesmo que não planeje merda nenhuma, nem escolha sequer a cor do papel higiênico da privada da gerência.

Por isso, faço análise há três anos. Mas ele não sabe. Quando lhe contaram que eu saía mais cedo três vezes por semana para ir ao analista, ele me disse que, ou eu estava doente e não servia para trabalhar com ele, ou trabalhava com ele e se me sentisse cansado, fizesse como ele. Meia hora de ginástica todas as manhãs. No dia seguinte me matriculei na Associação Cristã de Moços, e mudei o horário do analista.

Agora, quando ele mostra meus diplomas aos fornecedores, diz que além de fazer de mim o homem que eu sou, ainda me tirou todas as manias. Como sempre, concordo com ele. Acho a ginástica da ACM a melhor coisa que me poderia ter acontecido, e digo a todos que ele é o guia do nosso grupo. O nosso líder. Ele sorri, bate paternalmente nas minhas costas, e

diz que se eu continuar a correr o mesmo que ele corre, um dia ainda serei como ele. Um sujeito sem problemas, e com excelente forma física.

Eu sorrio, e concordo com ele, mas me sinto cada vez pior. De tanto mentir e saber que mesmo mentindo, cada dia que passa mais aumenta o medo de perder meu emprego. Meu salário é o mais alto da companhia, e eu sei que tem ótimos puxa-sacos por aí que nunca fizeram análise, ganham metade do que eu ganho, são excelentes atletas, e estudaram administração na Fundação Getúlio Vargas. E o que é ainda pior, a maior parte deles tem menos quinze anos do que eu.

Meu analista diz que não devo me preocupar. Com a maior tranquilidade, afirma que tudo desaparecerá quando se descobrir a causa, lá na minha infância, que me faz pensar assim. Apesar de eu saber que meu analista também mora na Lagoa, e também troca de carro todo ano, continuo fazendo análise.

Só não mando tudo à puta que pariu, o meu patrão, o analista e o trabalho, porque moro na Lagoa, troco de carro todo ano, minha mulher foi convidada para a diretoria do Serramar Country Clube, devo dinheiro a quatro bancos, tenho três cartões de crédito, cheques especiais, e todos os meus amigos dizem que sou um executivo bem-sucedido.

Só que eu sei que eles dizem isso porque ganho mais do que eles, e nas reuniões que faço na minha casa só se bebe uísque escocês. De resto, eles querem é que eu me foda, e rezam é para

que meu patrão se emputeça comigo, me mande embora, e chame algum deles para ocupar o meu lugar. Por isso, já contei ao analista a minha vida mais de cem vezes para ele descobrir, lá na minha infância, a causa de tudo isto.

Eu não tenho medo da minha infância. Eu tenho é medo de perder o meu emprego. Mas meu analista continua afirmando que a causa de tudo está na minha infância, e que o meu medo é só um mero pormenor no meu espectro psicológico. Como a minha função é contar a minha vida, e não discordar dele, três vezes por semana vou deitar no divã do consultório.

Teve uma vez que as vendas não atingiram as previsões, o meu patrão não pôde convidar os amigos para passear de lancha, e dizer-lhes o que faria se fosse ministro da Fazenda, e eu disse ao analista que seria até capaz de matar alguém se isso garantisse minha estabilidade no emprego. Ele sorriu, e disse que agora, sim, tínhamos dado o primeiro grande passo. O que eu tinha, felizmente, não passava de um simples caso de retenção agressiva.

Não discuti, mas tenho certeza que ele está errado. Eu não sou, nem nunca fui um sujeito agressivo. Sou, sim, um sujeito medroso. Apavorado com o dia em que o meu patrão me troque por um puxa-saco mais eficiente, embora na Adônis Lançamentos Ltda todos me chamem de doutor, e na porta da minha sala tenha uma plaqueta de acrílico onde se lê: GERÊNCIA DE MARKETING - Dr. Eduardo da Cunha Júnior.

Entretanto, se alguém, algum dia, se lembrar de tirar uma radiografia do saco do meu patrão, vão aparecer todos os meus dedos fazendo cosquinhas nos culhões dele. Isto, apesar de meu analista dizer que eu sou um sujeito agressivo. Desde menino.

Amostra

2

Quando era menino, eu gostava de ficar só. Sempre gostei de ficar só. Não sei a causa, mas sempre gostei mais de fazer perguntas a mim, do que perguntar aos outros. Morava em Botafogo com minha mãe e dois irmãos. A casa era grande, antiga, com muitos quartos e salas, uma varanda a toda a volta, e um quintal cheio de árvores. Todos os dias, no fim das aulas, os colegas dos meus irmãos iam para lá brincar.

Eu não gostava deles. Eram todos mais velhos, e eu é que tinha que fazer tudo. Buscar água, apanhar a bola quando caía no quintal do vizinho, fazer de índio, ou de mocinha raptada, tudo. Um dia, tanto minha mãe me perguntou por quê que nunca levava ninguém lá em casa, levei alguns colegas da minha turma. Só que em vez de ficar com eles no quintal, subi para o meu quarto, e me tranquei lá dentro. Quando meus irmãos chegaram com os amigos, meus colegas é que tiveram de fazer o que eu fazia. Buscar água, apanhar a bola quando caía no quintal do vizinho, fazer de índios, ou de mocinhas raptadas. Também não gostaram, e nunca mais voltaram.

Nem vi quando foram embora. Estava trancado no quarto, deitado na cama, pensando no meu pai. Nunca conheci meu pai, mas gostava de pensar nele. Quando fui no cinema pela primeira vez, imaginei que meu pai devia ser como aquele sujeito grandão que matava todo mundo com um revólver que dava mais de mil tiros. No jantar, contei a minha mãe e a meus irmãos. Mas todos riram, e o mais velho disse que eu era bobo. O sujeito grandão era o bandido, o mocinho era o outro. O que apanhava de todo mundo até ficar com a mocinha.

Não gostei que minha mãe risse, mas não disse nada. Subi para o meu quarto, tranquei a porta, e deitei na cama olhando as tábuas do teto. Só olhando as tábuas do teto. Toda vez fazia isso. Deitava na cama, e olhava as tábuas do teto. E quando meus olhos ficavam cansados de olhar, o teto começava balançando, balançando, e pouco a pouco ia baixando, baixando, até que eu tinha certeza que lhe podia tocar com um dedo se levantasse um braço. Nunca levantava, claro. Mas só a certeza que podia fazer isso já me deixava feliz. E às vezes o teto baixava tanto, que eu falava com ele como se ele fosse gente.

Mas me chamavam de menino bobo. Lá em casa todo mundo me chamava de menino bobo. Só sabiam era me chamar de menino bobo. Sempre que eu dizia que o teto do meu quarto falava comigo, e eu falava com ele como se ele fosse gente, todos riam e me chamavam de menino bobo. Só que era verdade, e eu tinha que dizer a verdade. Mas tanto me

chamaram de menino bobo que, quando tinha dez anos, eu tinha até medo de adormecer à noite só de pensar que podia acordar no inferno. Porque o inferno, todos eles me diziam, era o lugar para onde iam os meninos bobos que tinham tetos amigos, e conversavam com eles como se eles fossem gente.

Eu não gostava que me chamassem menino bobo. Mas também nunca deixei de conversar com o teto do meu quarto. E quanto mais eles me chamavam de menino bobo, mais eu me trancava no quarto, e mais conversava com o teto. Até que um dia perguntei a minha mãe se estava certo ela e todo mundo me chamarem de menino bobo só porque eu dizia que o teto do meu quarto era meu amigo, e eu conversava com ele. Ela disse que estava. Que os tetos não falavam, nem eram amigos de ninguém.

— Mas, mamãe, se ninguém acredita em mim, por quê que eu sou obrigado a acreditar nos outros, hem?

— Porque é preciso, meu filho.

Nunca mais perguntei nada. Nem a ela, nem a ninguém. E naquela noite, durante muito tempo, fiquei perguntando ao teto do meu quarto o que faria meu pai se estivesse ali comigo. Será que ele também iria achar que eu era um menino bobo, ou será que ele ia fazer como aquele sujeito grandão do filme, matando todo mundo que me chamasse de menino bobo?